

Soares Feitosa

Salomão

Jornal de Poesia

— Junho de 2014 —

O Coro das Ninfas:
— *Que remédio deste aos humanos contra o desespero?*

Prometeu:
— *Dei-lhes uma esperança infinita no Futuro.*

(Ésquilo, *in* Prometeu Acorrentado)

Salomão

Copyright © Francisco José Soares Feitosa

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro

F311P FEITOSA, Francisco José Soares, 1944-
Salomão/ Soares Feitosa
.-Fortaleza, Jornal de Poesia, 2014
120p.; il; 21cm
ISBN 85-900248-3-x
1. Poesia Lírica - Literatura Brasileira I Título

CDD - B869-1
CDU - 869.0(81)-14

Índice para catálogo sistemático

1. Poesia Século 21: Literatura Brasileira B869-1
2. Século 20: Poesia Lírica: Literatura Brasileira 869.0(81)-14

Está é uma edição especial, de computador —
digitação, programação, revisão
impressão, encadernação e acabamento: o autor
Circulação sem fins comerciais

Soares Feitosa
jornaldepoesia@hotmail.com



Ao
*M*enino

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

.....
.....
.....

Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Antônio Frederico,
in *O Navio Negreiro*.

ÍNDICE

Salomão

Prefácio, de Lau Siqueira.....	13
Primeiro Movimento: O Cometa.....	15
Segundo Movimento: Cantares de Pulso.....	19
Terceiro Movimento: Em Língua Teuta.....	23
Quarto Movimento: O Estupro das Águas.....	29
Quinto Movimento: Ode.....	37
Sexto Movimento: Dos Séculos.....	41
Sétimo Movimento: Os Vaqueiros.....	45
Oitavo Movimento: Os Negros.....	52
Nono Movimento: O Menino.....	56
Décimo Movimento: A Noite Alvaça.....	61

O Relato do Capitão.....	63
---------------------------------	-----------

O Relato do Bibliotecário.....	79
---------------------------------------	-----------

O Relato do Coronel.....	319
---------------------------------	------------

O Relato da Viagem.....	414
--------------------------------	------------

Salomão

— Lau Siqueira —

“...porque entre pulso e olho latejam os ferros da vontade...”

Talvez somente desta forma (através do próprio poema) seja possível traduzir a grandiosidade e a beleza de *Salomão*. Mais do que um poema-social, uma análise lírica dos fatos em constante reverberação.

Pesadelo de deuses que caíram das estrelas e sonho de homens que a todo momento se espalham como estilhaços da miséria humana. A leitura de *Salomão* nos conduz pelos porões encardidos da história dos povos do Novo Mundo. Dos Navios Negreiros ao Carandiru.

Com suas trevas e suas luzes — suas vidas, suas mortes, suas cruces... uma epopéia, um duelo de linguagens e imagens, um instante de desnudamento da alma humana, uma constante sobreposição de tempo e espaço...

É o canto dos negros que singravam pelas ruas do Atlântico — naufrágios humanos que ainda hoje sucumbem nos intestinos da pátria.

Mais do que um poema, em *Salomão*, Soares Feitosa libertou um grito que certamente irá ecoar pelas gerações de além do século que se inicia.

Talvez.

*“... porque o Século Cem,
de Ésquilo
é uma noite alvaçã...”*

Primeiro Movimento

— O Cometa —

[...]
porque o presente é todo
o passado e todo o futuro
e há Platão e Virgílio dentro das máquinas
e das luzes eléctricas
só porque houve outrora e foram
humanos Virgílio e Platão,
e pedaços do Alexandre Magno
do século talvez cinqüenta,
átomos que hão-de ir ter febre
para o cérebro do Ésquilo do século cem
[...]

Antônio Fernando,
in Ode Triunfal.

Ésquilo, o teu cometa acabou de passar por nós,
deixou avisado que voltará;
século cem, para receber o Ésquilo
do Século Cem,
de Ésquilo a Ésquilo
(*séculos* — isto é uma profecia).

— Existiria o tempo?

— Existiria o homem?

Que diferença faria eliminar
trinta e três
ou até mais, tanto faz,
50 séculos, 55, pois
os ciúmes, os ódios,
os aleitamentos,
os teus olhos tristes, meu amor:
o que mais de sobrar haveria?

Sobriariam alguns riscos nas paredes,
galerias de Altamira, Piracuruca;
uma boneca de plástico de braço arrancado,
na maré vem-e-vai de Long Island; sobriariam
talvez umas esporas
de prata,
minhas;
uns dentes de ouro, do meu negro negreiro;

o meu canto sobriaria, o meu gibão de couro —
porque só a arte fica —,
porque os profetas ficam... e voltam...,
as bonecas morrem e se saciam.

De onde vem, meu senhor Coronel?
Boa-noite!

Não reconhece o seu negro-moleque
por quem pagou uma partida de farinha
e carne-seca?

Sou eu, Coronel,
seu eterno moleque Salomão e suas queixas
dos três outros moleques
extraviados de minha escolha!

Ah, Salomão, meu negro,
salve a alegria de te ver, Deus te abençoe!

Dentro da bruma dos olhos baços,
porque a aurora do Século Cem pertence
ao cometa Hale-Bopp;
isto também não tem nenhuma importância
depois dos moleques que me perdeste errado;
os tempos me confundem, não há tempo,
há todo o tempo, um tempo só:
o Século Cem,
de Ésquilo.

Coronel, do primeiro moleque a culpa minha
é pequena, já lhe contei cem vezes:

chegaram os homens do Norte e botaram
preço, mais panos-da-costa,
mais rum, mais panos eles botaram,
e o traficante desfez a venda
embarcada e mandou descer os negros, fortes;
as negras, belíssimas,
que jamais escolhi diferente;

no meio das negras jovens, da minha
escolha, a escolha do Capitão,
os dentes risonhos, os gestos de chã,
desceu, meu Coronel,
no meio delas, o tal negrinho desceu,
que o senhor nunca deixou de reclamar;
que depois me disseram,
disseram também ao senhor,
o molequinho bailava,
bailava de beija-flor.

Mera questão de preço, Coronel,
não pude pagar
do dinheiro que o senhor me deu;
os gringos pagaram,
ainda botaram preço em mim,
como se eu soubesse trair, que nunca traí;
eles levaram, me levariam também.

Voltei,
as mãos abanavam,
o senhor me reclama,
80 séculos que me reclama, Coronel!
(O abraço à minha madrinha!)

E os outros dois moleques, Salomão,
por que os vendeste?

Dos outros dois, Coronel, um tossia demais;
o outro começava a aleijar, e o troquei;
foi numa troca de burros que viajou às *Geraes*,
o negrinho aleijava, viajou e ficou.

E aleijou.

O mais mofino, Coronel, troquei num jogo de malas,
das suas viagens para as Europas, muitas;
o negrinho da tosse foi metido a remos
no rumo do Sul, estrelas do Cruzeiro,
lugar Desterro, parece que foi,
Desterro, faz tempo,
Coronel!

Era falador o moleque, Coronel,
mesmo mofino; tossia, o moleque tossia;
o senhor me perdoe, q'eu me enganei,
porque tossir, o Menino também tossiu.

E nem por isso!

Segundo Movimento

— Os Cantares de Pulso —

Um dia, *Hiberia*, era mar,
um mar de poente,
e me arribei de ti.

Data? — por que me queres com datas,
quem sabe de datas!? Os pinhos,
os vinhedos,
os montes, aquela aldeia moura —
e tu, Portugal, s'escondiam
calmos à risca mar;
e o areal — era África.

Às minhas costas,
num bracejo —
bracejar de dias e dias:
era escuro o mar ibérico,
também escuras as águas mouras
porque neles (*occidente*)
se põe
o Sol.

Cem dias, 370 milhas,
léguas, alqueires, eiras, planos —
sei lá que palmos;
eis os perdidos dias, inútil achá-los:
os porões, o tombadilho
(o que mais importa?).

Despejei-me: este corpo,
este fardo, à súbita manhã da Aurora,
onde um roçado líquido, riscado de Sol,
(é lindo, Portugal!),
o meu bracejo de sol, de mar a mar, este,
o meu,
Siarah Grande, terra minha,
este mar de rubro).

Aí, Portugal, em tuas terras mouras,
o Sol nasce dentro dos montes e se apaga nas águas;
aqui, ele se rasga aos céus,
de dentro do mar.

Nesta manhã de rubros, rastejo a a manhã
e de joelhos,
as conchas do mar me informam:
o Minho, o Douro, *la plaza*, os toiros
estão em ângulo
de grau,
à frente e à esquerda estão:

...

é longe, sim, *Hiberia* —

— *Navigate, Hiberia!*

Navigamos.

O mar é longo.

Longas as águas verdes,
longos os olhos verdes à súbita manhã, nascedoira
às barrancas do meu rio:

a ti, Antônia, que diferença houvera de fazer
me nascesse o Sol à esquerda ou à direita
se, bem dentro dos teus olhos, só
o desterro da noite?

Esta a minha guerra, agora:
sob este invólucro de Sol, Siarah, onde
touro e mameluco navego o dia;
mouro e branco a noite navego;
negro e cinza enfrento
a tragédia e a aurora.

Sim, a tragédia, a aurora:

Exmo. Sr. Antônio, dito Conselheiro,
Antônio dos Mares,

venho-lhe pedir que inscreva
a Francisco
no livro dos que não crêem
na noite.

E tu, Calíope, permite que nessa lista,
uma lista exígua, continuem os nomes —
[os nomes sempre serão poucos, crê!]:
porque os homens caem direto dos homens;
direto dos deuses
alguns poucos homensaem;
levanta-se uma raça de homens;
levanta-se uma raça de deuses.

Ignacio y Pizarro,
«Ite, Incendiate!».

y Cortés y El Cordobés,
«Canudos não se rendeu».

y Moscardó y El Consejero,
«Tudo cierto en Alcázar, mi General!».

O touro,
o louco,
o mar absoluto:

«Mi general,
le entrego el Alcázar destruído, pero
el honor queda
intacto».

Sabedores da morte, sabedores do criar,
à deriva da verdade absoluta,
eles da morte sabem, da morte destemem.

Sim, meu caro Pilatos, eles sabem,
eles “sabem”!

«Canudos não se rendeu».

Bêbados, senhor Procurador,
completamente bêbados,
meu caro Pilatos,
(hemos de saber, sabemos),
porque eles sabem
a Verdade de que tanto
inquiriste
inutilmente:

aos escombros

o touro,
o santo,
o louco,
o mártir,
o herói,
o bandido:

“Canudos não se rendeu.
Exemplo único em toda a História,
resistiu até o esgotamento completo.

Expugnado palmo a palmo,
na precisão integral do termo,
caiu
no dia 5, ao entardecer,
quando caíram
seus últimos
defensores, que todos morreram.

Eram apenas quatro:
um velho, dous homens feitos e uma
criança,
na frente dos quais rugiam
raivosamente cinco mil soldados”.

Destes lugares, muitos:
mouro, touro, mameluco, franceses,
holandas, chegados, idos, fugidos,
voltados às terras índias, e fui ficando,
Siarah,
Siarah Grande, pisando venho
estes caminhos. Espinhos —

filho de Anísia
e de Francisco, no Ipu nascido
em prol
em prol da tragédia...

— de que me acodem, úteis, as tragédias? —

se,
desta barranca,
as águas escassas
só me refletem, Antônia,
o entardecer da tua voz?

José Moscardó Ituarte, *apud* Toledo:
Toledo escombros, o filho fuzilado:
Toledo, este livro,
Toledo história:

«Tudo cierto en Alcázar, mi General!»

Eles berram, berramos
sob a Verdade absoluta:
este grito jugular —

¡Arrrrrrrrriba España!

Amar, nascer, nem tanto mais;
à montanha, meu caro Blake,
o mirro grão de ouro há de ecoar
nos escombros da noite o grito da noite.

Gente
que não teme
a noite.

Quem disse que eles têm relógios?

Atira, forasteiro,
as alpercatas ao pé da porta;
vais penetrar num templo de auroras,

porque só os deuses sabem da Aurora,
porque os sabedores da Aurora
tangem, no pulso certo,
entre mão e olho, a força do *crear*;
porque deles a certeza da morte certa,
da certeza retiram
todas as setas da audácia:

Os que criam são puros!
Os que imitam, escravos.

Era uma manhã de beira de cais,
desabaram uma montanha de pedras,
e aquele monte de pedras soltas
acompanhava o *chaos* de Deus...
Pedr'alguma era igual.

E ali, diziam que iriam levantar
um paredão a uma cidade-lá-em-cima.

E as pedras soltas,
uma e outra se encaixavam,
porque uma mão tomando cada qual de qual,
pedra e mão nascidas uma da outra

— assim os deuses! —

sob o olho artífice:

Nesta junta,
neste calo,
nesta cal,
aqui,
ali,
nesta frincha,
assim,
esta,
mais esta,
agora aquela,
ali,
lá.
Vejam!
A muralha,
o caminho!
A viagem!

E minha vista de Coronel de vista larga
se destaca num negro jovem; mesmo *cautivo*

trazia ele no gesto o gesto;
à eloqüência de sua mão de pedra
a pedra se entregava —
ao logaritmo, à curva e à senóide,
que as parábolas na mente do negro,
em cima daquela montanha de pedras,
pedregulhos e a montanha desmanchada,
bastava um olhar,
porque ao olho do criar a força do crear;
à certeza do crear, à certeza do matar,
apenas esta, certa:
a certeza do morrer.

No mesmo instante comprei o moleque.

E mandei batizá-lo na fé de Cristo
e disse:

“Negro, teu nome a partir de hoje é Salomão,
da casa deste teu Coronel e de tua madrinha,
porque os meus braços e os meus olhos serão
poupados para o Século Cem,
de Ésquilo”.

“E os teus braços e os teus olhos, Salomão,
serão os meus
braços e os meus olhos em terras longas,
e a tua palavra será a minha,
honrada,
palavra de Coronel!”

“— Vai!”

E mandei abastecer um veleiro,
porque dali os negros longínquos,
naquela mão do *crear*,
no olho do medir, seriam a escolha certa,
a Escolha do Capitão!,
mercadoria de qualidade, a Feitoria do Coronel!

“E me traze, Salomão,

negra nova, que seja de riso,
ainda que de seus olhos navegue um mar profundo;
que tenha alma grande; que grandes e roliças
também as pernas;
não me tragas gente seca nem mal-encarada,
que tu já sabes das medidas do meu cabedal,
da fartura da minha casa,
da tirania da minha unha:

“— Vai, negro!”

E da minha crônica negreira botei velas e vela,
neste mar bravio as minhas bandeiras vela,
algumas perdidas, de lucros vastos porém —
sob uma marca registrada se fundou,
para as delícias, às algibeiras deste Coronel,
uma marca se fundou de Comércio & Indústria:

Os Negros do Capitão[®]
As Negras de Chã[®]
As Escolhidas do Capitão[®]
As Amadas do Coronel[®]

E delas, Carla; e delas, Sandra;
e delas, Marga; e delas, todas,
porque no olhar, porque muito mais.

Salomão Capitão jamais me enganou;
queixas só tenho dos três moleques:
o que aleijava, o que tossia, o que bailava,
porque Salomão, de uma raça de deuses,
um único dia se enganou.

— Eles também se enganam, Coronel —
dizia-me Salomão.

(Porque deuses e demônios:

Moscardó, Hernán e
Pizarro, Ygnácio e
Quijote e os toreros,
o touro e as praças e
Don António, o Mendes Maciel, Conselheiro
o professor sem braços e este Francisco
gente que não teme a noite,
gente da mesma parelha — deuses —

deuses e demônios, à mesma laia).

Sim, Calíope, hei de pedir
às outras oito a coragem... de fugir.

— Fugir, senhora musa?

Elas dirão que não!

Clio à frente, troando História,
Clio atrás, palpando história;
porque entre enlevo e ódio,
Urânia dirá:

— A onda é alta, Coronel, mirai os céus.

“— Vai, negro!”

(Fumo, aguardente, panos; o azougue, o jugo,
o jogo, e a ferros-gentes,
e todo o ódio
e as nossas almas —
pracejamos).

Terceiro Movimento

— Em língua teuta —

Temí, Salomão, que um dia o Século
de Ésquilo
se escrevesse em língua bárbara,
porque os rapazes do Reno ousavam
todo o ouro do Reno
e erigiam na noite dos deuses
um punho de ódio;
...
crepúsculo,
eles arrogavam de mil anos aurora:
era crepúsculo.

Berlim!
1936!
Eu te vi lá, negro!

O Capitão,
o orgulho da minha escolha,
ao pé da montanha de pedras,
erigida em muralha do teu pulso altivo:

uma vitória,
duas vitórias, três vitórias,
quantas vitórias fossem, ganharias todas;

e o tirano bateu em retirada
sob o grito dos teus olhos;
os campeões de tapioca
tombaram, um a um, sob o ódio do teu pulso!

Estrugiam as fanfarras,
Wagner tocava...
À tua “derrota” Capitão.
Toda a orquestra em silêncio,
era para ti, Capitão!
Contra tuas vitórias,
ao silêncio do teu pulso, todo o silêncio.

Sob o olhar assombrado das Valquírias,
todo o ouro do Reno, no punho fechado,
de puro ódio, fechado — caladas —,
à mordaca do teu punho, fechado!
Capitão Jesse “Wotan” Cleveland Owens.

Porque todo o ouro do Reno, de suas peles
alvíssimas, aquele ouro tivera
destino de partida, um dia, Jesse;
teve destino de chegada, outro dia, Cassius;
tu foste lá entregá-lo, Apolo-Estafeta,
todo o ouro:

Berlim-Atlanta!

E um negro trêmulo,
como se fosse uma vara verde,
destas de açoitar negro,
e acendias a tocha do fogo grego,
e as medalhas de todo o ouro do Reno
pendiam de teu peito largo,
de teu sorriso pendiam, e a teus pés pendiam
todos os que um dia:

Auschwitz-Birkenau...
Arbeit Macht Frei
“O trabalho traz a liberdade”

era o selo-sinal à *Porta Inferi* —

Rudolf, Adolf — quem é Rudolf?

Que resta deles?

Resta,
restam,
hã de restar:
o Capitão negro, Jesse —
o Capitão negro, Cassius,
nome de nobre
romano, que nobre sempre foste!

Não vou, Coronel, não vou brigar
contra quem
jamais me fez mal; tomem,
eu devolvo!

Tomem de volta a medalha,
os títulos que conquistei, tomem...

(Preso?) Isto não tem importância...

Quem é livre-de-dentro-de-si
jamais é preso, em si!

E o negro bailava nas sapatilhas:

— Sou o homem mais bonito do universo!

O tagarela, o borboleta... —

O soco do Capitão era
de-pluma-e-de-vulcão:

47 segundos,
nocaute em Sonny Liston.

No auge,
toda a fama, todo o ouro
aos pés do Capitão, toda a orquestra,
Valquírias mil,
ele disse:— “Não vou!”.

(Os meros outros só dizem que sim).

Têmulo e negro:
pacificou o Vietnã,
acabou a Guerra Fria.

Mas não te esqueças, Capitão,
a estirpe é esta:

Rosa,
a estirpe rosa,
de raiz e flor,
sentada estava, sentada ficou,
uma mulher e era negra,

borraram-lhe os dedos
de tinta
negra;
o carcereiro não supunha
aquele papel imundo
dos dedos da negra
valesse muito mais
que toda a Carta do Mundo —
Rosa, a estirpe Rosa;
a Suprema Corte disse:
— Sim, minha Senhora, raiz e flor.

E outro negro, Luther, brigou a briga inteira;
o outro era um branco,
era padre e disse
que ia primeiro,
que precisava ir à frente,
era Kolbe;
e a juvenzinha anotava tudo,
(...)
— o caderno da escola —

Ana,
Ana Francisca;
foram na frente, à nossa frente,
eles, os primeiros,
da estirpe dos que dizem “não!”,
dos que na frente vão
ao Século Cem, de Ésquilo!
À estirpe, Capitão!

Dona Rosa,
o padre,
a juvenzinha,
esta parilha de negros:

(— Traze deles, sim,
traze só deles, Capitão!)

Dos que à frente vão,
dos que só sabem ir à frente,

dos que precisam ir à frente,
dos que vão ao não!

À frente,
Capitão Cassius Marcellus “*Millennium*” Clay!

Olimpicamente
ao Século Cem,
de Ésquilo.

— **Vai, negro, o veleiro é teu!**

Quarto Movimento

— O estupro das águas —

Coronel, nas minhas marinhasgens
os ímpios perguntam por que o Menino
colocou na porta da Catedral
um *Estamos* cortado, tirando o **E**
e os ímpios me zombam:

“Recurso,
recurso poético,
para dar certo
nos metros.”

Foi não, Capitão! Ajuntei
meus cantadores, profetas e violeiros
e mandei apurar.
O Menino não precisava cortar
palavras; nem o Capitão jamais
precisou cortar caminhos;
quem sabe, sabe: numa muralha,
as pedras, as coloca inteiras;
do ponto de chegar, do ponto de partir;
em partida, em chegada:

a Hora, Capitão!

Assim te ensinei: — o caminho.

É assim mesmo, Coronel:
sempre risquei no olho
o monte de pedras; o largo de caminhos,
o dorso do mar, a muralha obscura,
entre olho do riscar e mão do fazer,
sempre tracei
o prumo de não pender, assim!

Porque, Coronel,
o prumo de afiar,
o prumo de segurar
têm de estarem “lá dentro”...,
de fora as muralhas ficam, as viagens morrem,
porque de dentro
é o rumo.

Porque, Coronel, se no meu brigue tem
astrolábio,
tem, claro que tem, do melhor;
capitão-Capitão, no espinhaço do mar,
navega de ouvido...
zombando à noite larga,
por mais que se afliessem os aflitos,
olha os céus, olha os caminhos,
só de deleite, quando quer.

Como se fosse, Coronel, o falcão-gavião
voando atrás
da juriti, o vôo da morte
entre as penedias, o rapimento a lhe medir
as distâncias,
no bico curvo, o bote vil:
(os dentes crivados por entre os dentes)
assim, Coronel!

É assim mesmo, Capitão:
à fera, o caminho de ganhar;
à juriti, o caminho de ficar!

Também às muralha, Coronel;
as negras desembarcadas
(dinheiro, Coronel, muito dinheiro!):
nos olhos levo, nos olhos trago,
carrego comigo
o dia da volta.

Agora me diga, Coronel, o segredo,

por que, afinal, o Menino
riscou o “E”?

Capitão Salomão,
capitão meu de meus negreiros,
nenhuma palavra é mais forte
do que esta:

Tãm!

Escuta, Capitão,
o baque da montanha avalanchada
é assim:

Tãm!

O baque da ave de rapina despencada
dos céus, sob o teu seteiro rijo
é assim:

Tãm!

O baque do negro que desaba na água,
de tua mão terrível, jogado aos peixes
no avanço do brigue viageiro,
é assim:

Tãm!

Vê, Capitão,
o Menino não adejava canto macio
porque o momento não era macio;
ele rompe as rochas do Tempo,
rasga a cortina do Mundo,
assim:

Tãm!

Tamos em pleno mar, Capitão!

Naquele instante, Capitão,
nos quengos do Menino,
formou-se o estupro das águas...

Assim:

Tãm!

E um colosso de matéria líquida
explodiu
em todos os trons, Capitão:

Tãm!

'Tamos em pleno mar, Capitão!

Dize, Capitão,
quem maior lhe foi?

Só se foi, Capitão, o rasgão do véu,
o ensurdecer do dia em pleno dia, o Templo,
o rebentar das sepulturas,
os mortos lívidos de susto,
as rochas se esmigalhando ao meio,
as paredes, o pedruglho
dançando como uma farofa,
o esturro dos Céus:

— **Expirou o Crucificado!**

Ah, meu senhor Coronel, agora eu já sei!
Estava em pleno mar!
Um estrupício d'água,
uma montanha líquida
subiu
aos céus;
o mar secava, Coronel,
e enchia outra vez;
quando me cuidei,
o veleiro, cheio de negros (era
uma bela partida,
mercadoria de primeira, a marca

de Comércio & Indústria,
a Feitoria do Coronel, os escolhidos
do Capitão®, as negras do Capitão®,
seriam de lucro vasto...)
quando me dei conta
o brigue baloiçava em terra súbita:

— *Varrei os mares, tufão!* —

Porque a ventania, Coronel,
de tão medonha,
arrancou
todos os negreiros,
os viajados e os viageiros,
negreiros que nem existiam mais,
ajuntou outros que estavam por vir,
outros que nem construídos estavam;
ajuntou-os a todos, como se os pegasse
numa mão de ferro,
e os barcos com todos os negros,
e os barcos com todas as negras,
armetidos foram
nos morros da cidade-lá-em-cima.

Nenhuma diferença agora, Coronel:

de mar
——e——
morro!

Não há mais veleiros, Coronel, encerrei
a carreira de mar;
velejo hoje em terra falsa,
nos charqueados também velejo;
às palafitas, invado rios, invado mangues,
paliças minhas... o mar em seco.

E os negros pendem,
e as negras pendem,
das mesmas amuradas pendem,
os elementos detonados do Menino
pendem...

É vento, é água:
pendem!

É água, é vento:
pendem!

Tudo coisa de mar-alto:
pendem!

Agora no alto
os veleiros pendem!

E da cidade-lá-em-cima
é o baque da noite!

Tãmos em pleno morro!

E a terra me corre,
me falta nos pés,
extravia-se a terra,
embaixo a paliça,
os negros correm,
as negras correm,
trêmulos da noite,
horrendos da festa,
o açoite do vento,
o ronco das águas
e na manhã, Coronel,
cavoucamos os mortos!

"SÃO PAULO, 26-03-97"

ILMO. SENHORES
DIRETORES DA EDIÇÕES
PAPEL EM BRANCO

PREZADOS SENHORES, VENHO POR MEIO DESTA SOLICITAR DE VOSAS SENHORIAS EM CARATER DE DOAÇÃO O LIVRO "FIAT BREV", DE LUIS ANTONIO CALZGIRA RAMOS. CAROS SENHORES, MEU NOYÉ É DJALMA RIBEIRO CAVALCANTE, ESTOU PRESO EM CUMPRIMENTO DE PENA AQUI NA CASA DE DETENÇÃO DE SÃO PAULO, MEU PASSA-TEMPO É LÊR E CONTO MUITO DE POESIA, SONETOS, E VERSOS. COMO TAMBEY OUTROS TIPOS DE LITERATURAS CONSTRUCTIVAS, E CUIA A FILÓSOFIA LEVE A ALGUM LUGAR.

GOSTARIA MUITO DEPEDENDO DAS POSSIBILIDADES DE RECEBER ESSE EXEMPLAR, QUERO SALIENTAR QUE NÃO TENHO CONDIÇÕES DE COMPRAR.

QUERO AGRADECER A QUEM LÊR ESTA SIMPLES CARTA SE TIVER CONDIÇÕES DE ME ENVIAR O LIVRO. EU FICAREI MUITO GRATO, E AGRADECO DESDE JÁ DE CORAÇÃO, E SE NÃO TIVER EU AGRADECEREI DO MESMO JEITO.

FICAY COM DEUS, E BOA PASCOA.

DJALMA RIBEIRO CAVALCANTE - PEDONARLO-90.811
CASA DE DETENÇÃO - AV. CRUZEIRO DO SUL 2.630
CEP: 02087-900 - SÃO PAULO - CAPITAL



Quinto Movimento — Ode —

Transcrição literal de uma carta:

São Paulo, 26.03.97

*Ilmo. Senhores
Diretores da Edições
Papel em Branco*

Prezados senhores, venho por meio desta solicitar de vossas senhorias em caráter de doação o livro FIAT BREU, de Luís Antonio Cajazeira Ramos. Caros senhores, meu nome é Djalma Ribeiro Cavalcante, estou preso em cumprimento de pena aqui na Casa de Detenção de São Paulo, meu passa-tempo é lêr e gosto muito de poesia, sonetos e versos como também outros tipos de literaturas construtivas, e cuja a filosofia leve a algum lugar.

Gostaria muito dependendo das possibilidades de receber esse exemplar, quero salientar que não tenho condições de comprar.

Quero agradecer a quem lêr esta simples carta se tiver condições de me enviar o livro eu ficarei muito grato, e agradeço desde já de coração, e se não tiver eu agradecerei do mesmo jeito.

Ficam com Deus, e Boa Páscoa.

*Djalma Ribeiro Cavalcante - Prontuário 90.811
Casa de Detenção - Av. Cruzeiro do Sul, 2.630
Carandiru, São Paulo, Capital
CEP 02.087-900*

— Capitão Salomão, quantos?

— Cento e onze, Coronel Fleury!

— Quero que contes novamente, Capitão.

É pra já, Coronel,
cento e onze: 111.

hum † hum † hum
hum † hum † hum

_____ p á r a !!

Carta-dedicatória de Luís, Poeta:

Prezado Djalma:

*Perdoe-me por ter retido
seu livro
por tanto tempo em minhas mãos
sem devolvê-lo.*

Ele, o livro, que sempre foi seu.

Salvador, 31.3.97.

Luís Antonio Cajazeira Ramos

E no veleiro do morro do Retiro, da frota
do Coronel Souto,
quantos, Capitão?

Sessenta e cinco negros, Coronel, mas
deve ter
muito mais
enterrado dentro do chão.

E no navio Casa Amarela,
no Nova Descoberta,
quantos negros,
nos negreiros de Coronel Arrais?

Coronel, nada temos
com aqueles morros de lá,
nem com os veleiros desse outro Coronel,
mas afundaram numa noite
setenta e sete negros.

Disseram, Coronel,
que o destroço por lá também foi terrível!
Nós não temos nada a ver, ainda bem,
Coronel!

Claro que temos, Capitão!

Não me venhas,
Salomão, fingir de tuas culpas,
nem te fazeres de santo,
que santos não somos:
também entregaste, a mando meu,
também a mando
do coronel de lá, mercadoria® no Porto
de Galinha e “precatórios”!

Galinhas coisa nenhuma, Salomão,
pura safadeza —
Porto de Negros, Capitão —
e muito dinheiro por baixo do manto.

Sexto Movimento

— Dos Séculos —

Dedicatória ao Coronel

*Porque ao Ésquilo do Século C
legamos tão-somente
nossa arte.
E nada mais.*

Minha súplica e meu direito: leia!

L. A., naquele tempo.

Somente a Arte, Capitão!,
as tuas muralhas de pedra,
o teu olhar viajero,
as minhas vendas negreiras,

Cem Anos de Solidão,
o livro-presente
de Luís, Poeta, Antônio,
os contos de Borges,
e doutro preto, Assis,
não o Santo, o Machado porém!

Os causos-causeiros,
as violas da noite,
um canto plangente,
Acará, Alcides,
Biografia de um Rio,
mais outro rio, o *Salgado*, Dimas,
mais outro, SF, o *Macacos*,
e no embornal de cada qual —
mas os embornais estarão secos,
as pessoas estarão secas,
porque os julgamentos
se farão *extra-personas*,
porque as pessoas não existem
no Século Cem,
de Ésquilo.

Existirão jamais
a tua vontade férrea, Capitão,
nem meus patacões, Coronel,
porque o Ésquilo do Século Cem
é o mesmo do Século Um,
e de mergulhos nos séculos,
dos séculos-sem-fim, amém,
quando eu clamei:

— Poetas! Quem?

Disseram-me: Antônios!

E agora, Salomão, os negros nas amuradas
dos navios-barrancos pendem
porque eu te comprei fora da hora,
e a Ladeira da Montanha, na pedra,
na farinha-do-reino e no óleo de baleia,
não se fez nos elevados da cidade,
cidade-lá-em-cima,
jamais construída,
porque a cidade-lá-em-cima
está dentro
dos corações dos homens mortos!

Porque esta é a canção dos mortos!

Um dia, Coronel, entrei em terra funda,
queria uns negros melhores
para a Feitoria do Coronel[®],

me esbarrei num campo de pólvora:
um negrinho pequeno, bem miúdo, Coronel,
jazia,

...

e os abutres-urubus já lhe tinham furado

os olhos,
mas o negrinho ainda acenava,

e fumei todos os cigarros do mundo,
gastei todo o papel
em desenhos de carvão.

Veja, Coronel, ist'aqui,
o que dirão disto
no Século Cem?

Porque numa árvore ali próxima,
'tá'qui o desenho dela, mal
o negrinho terminou,
os urubus já lhe estraçalhavam
as vísceras;
estiquei uma corda,
e o pescoço, o meu, um estalido de ódio,
um baque surdo:
era também Francisco, do Ceará,

(Se no céu tem pão?
Quem é que sabe, Coronel?!)

subia aos céus.
Capitão Salomão, negreiro meu,
as obras de papel e de pedra ficam,
ficam também as obras da fê,
porque as do ódio nunca
serão
esquecidas,

e nos pratos das balanças
o Século Cem
serão jogadas todas as obras,
só as obras;
os homens não.

Porque esta é a Canção dos Séculos!

Sétimo Movimento
— Os Vaqueiros —

Coronel, das terras donde veio,
do outro Antônio que também é Santo,
um dia vi um Coronel-doutor, Stanislaw,
e o filho dele, Fernando, e eram brancos,
porque, Coronel, a maldade não está na pele,
nem a bondade está nos olhos-louros;
pois eu vi, Coronel,
Eliézer, nove anos, os braços em carne-podre,
e nada fede mais no mundo, Coronel,
do que a carne do homem, podre;
e os braços de Eliézer,
perfeitamente gangrenados,
fediam por todas as pocilgas do mundo,
e aquele Coronel, um Conselheiro-gigante,
abaixou-se, acororado rente à imundície,
o nariz destampado, o orgulho
destampado, como se ali,
àquela podridão, só
perfume
e lírio.

E entre olho e mão, a mão-do-*criar*, Stanislaw
(como se às pedras da muralha),
foi dizendo, foi sorrindo:

"Corto aqui,
emendo ali,
aproveito
este pedaço,
um jeito,
vai dar certo,
claro que vai,
vamos!"

E os braços de Eliézer "ressuscitavam" no olhar
aturdido das freiras
e "abraçavam" a Santa Casa e o sorriso
do Coronel e o sorriso; eu vi, Coronel,
Stanislaw e o sorriso.

E o doutor chamou por uma negra,
ela ajudara a criá-lo,
e também criara os filhos dele,
e criava-lhe os netos,
ele a chamava madrinha,
e disse:

Madrinha Flora,
faça uma limpeza
nos braços desta criança.

E a negra voltou assombrada: assim
que começou a lavar, o primeiro pedaço
do braço com a mão inteira afundou na bacia!

O Professor Eliézer dá aulas de mestre-escola,
e não tem braços, nas margens
do Rio Macacos; e o Doutor-coronel
e o filho do Coronel, também doutor,
brancos como uma pedra de cal,
não falaram em dinheiro,
nem a revista publicou
o “caso Eliézer”.

Porque, Coronel,
nem a Beleza é branca, nem
o Bem é preto. Isto não tem cor.

E das escolhas do Capitão®
vieram Antônio
e Adolfo, vaqueiros meus.

Capitão, me traga um moleque espichado,
um negro ligeiro para campear
meus bodes, o “Gabirim”, o “Pajusca”;
e minha mãe dizia:

— Compadre Adolfo,
o nome deste bode bordado
é Labirinto,
e deste outro malhado é Pajuçara.

— Ah, comadre Anísia,
com esses nomes bonitos
eles não atendem.
— Gabirim, Gabirim!... — clamava Adolfo.

E lá se vinha o bodão comer
na mão do meu vaqueiro,
Capitão meu, escolha minha.
— E minha comadre, Coronel,
como está ela?

— Morreu, mestre Adolfo,
que todos morremos.

Coronel
— ele disse e se benzeu,
porque, se na morte
falamos, da morte nos benzemos —
também morreu Francisquim,
que era quase da sua idade

— vocês brincavam, meninos —,

motorista de ônibus ele, em São Paulo,
os ladrões mataram, para roubar;
dizem que foi a “puliça”.

Porque um dia, Capitão, nas margens do Rio
Macacos, um aprendiz de Coronel e um vaqueiro, Adolfo,
aboiaram um canto vaqueiro entre uma serra e outra
e desafiavam o eco entre si, e aboiavam de novo,
e aboiavam outra vez,
até hoje não se sabem os justos motivos da gritaria;
e se a montanha respondia de um lado,
o aboio era do outro, de um Coronel aprendiz
e de seu vaqueiro Capitão...

E assustavam a acauã com tanto aboio:
ao Século
Cem,
de Ésquilo,
talvez fosse.

E o Professor Eliézer nunca recebeu
uma esmola,
por mais que a Caridade
lhe corresse atrás: tome,
meu filho, uma ajuda,
em nome de Deus.

Quero não, Coronel!
Eu vou trabalhar.

Professor mestre-escola,
mestre Eliézer,
da raça dos deuses.

E Francisquim, filho de Adolfo vaqueiro,
menino do meu tamanho,
aboiou um soluço suspenso,
sob a tenaz, o cassetete na noite,
e no solado dos pés,
e o tiro do mundo-Covas:

— Pegaram quanto, Capitão?

Um nadinha de nada, Coronel,
aqueles negros do veleiro
Diadema, uns lisos!
Apenas um corretivo, Coronel.

Porque esta é a canção do ódio.

E o Professor Eliézer 9 anos subira no poste
eletrificado sem saber que eletrificado
estava o poste e penou dez dias até os braços
apodrecerem completamente sem um gemido
e a mãe do Coronel quando soube
ofereceu-lhe o Céu
você vai pro Céu meu anjo!

Quero não, dona Anísia!

E a mãe do Coronel despachou Eliézer
em bilhete recomendado
boto-lhe a “benção” meu filho e me escape
o inocente que ele não quer morrer.

E quando Eliézer chegou à casa
do Coronel uma carroça parou e o cocheiro
disse gente sua Coronel e o Coronel
foi ajudar o pequeno a sair do coche.

E o pegou pelos ombros sob seus pulsos fortes
para ajudar e maltratou sem saber
os braços podres de Eliézer
e o Professor Eliézer engoliu a língua
engoliu a boca engoliu os olhos porque
de sua boca jamais um não nem de seus olhos
jamais um ai e as pernas do Coronel ficaram
mijadas do mijo daquele deus-criança
todo mijado para não berrar.

Porque esta é a canção dos deuses.

E o Coronel aboletou o Professor Eliézer
com toda a fedentina do mundo e correram
os hospitais do Ceará e os doutores escorraçavam
o Coronel com o seu Professor fedorento
e tapavam o nariz.

E o Coronel mostrava a eles uns patações de ouro
mas os corações daqueles demônios gritavam
fora-daqui e o Coronel não prestou atenção
na cor do demônio.

E o Coronel engoliu a língua e engoliu a boca
e os olhos também ele engoliu e o dia
já amanhecia e o Coronel
engolia os caminhos no caminho
da Santa Casa onde Stanislaw e o filho dele.

E o Coronel tomava
umas cervejas em Nova Russas quando
um cabra disse eu sou de lá do Rio Macacos
e vim embora por causa
da Seca
mas tenho reclamação porque lá nos matos
tinha escola
até os de-maior estudavam
e o professor não tem
braços
e o professor de lá dos Macacos se chama **E**

E o Coronel saltou na palavra e disse
e engoliu a palavra
e engoliu a língua
e os olhos e a boca do próprio Coronel
o Coronel também engoliu.

Porque os deuses vivem!
Porque os homens morrem.

E isto não tem — parece —
nenhuma cor.

Porque esta é a canção nenhuma!

Oitavo Movimento

— Os Negros —

Façonhas de bravos
Não geram escravos.

.....
.....

— Ouvi-me, Guerreiros,

— Ouvi meu cantar!

Antônio, o de um só prenome,
in *O Canto do Guerreiro*.

Mandei o doutor Salomão

— vejam só, negreiro meu
é doutor, doutor Salomão! —

bonito como um vaqueiro, encoirado nos linhos,
seguiu

o doutor Salomão para os frios do Sul,
um curso dessas coisas complicadas,
e os alunos eram loiros e soltaram
os cajados de serpente e as serpentes
partiram pra riba de Salomão,
mas o negro arremessou a vara que lhe dei:
uma cobra muito maior comeu
as cobrinhas zombeteiras e disse: quero mais!

Da próxima vez, quando mandar vaqueiro meu,
vou mandar de boca costurada,
como se costura um cururu feiticeiro,
porque o “perigo” é que vaqueiro meu
abra a boca:

— Temos que saber em dobro, Coronel,
porque eles não nos acreditam! —

E outro negro e outro e mais outro
que mandei pelo mundo me dizem:

— É difícil, Coronel,
só vai em dobro.

Pois vocês me aprendam em dobro mal nenhum
saberem em dobro
porque Salomão Vieira dos Santos da raça
dos deuses sabe em dobro e Milton Santos
também sabe dobrado e Sandro
ensina a branco e sabe

— porque entre pulso e olho latejam os ferros da vontade! —

e Edvaldo Brito e Ivo de Santana e Roberto
Conceição são negros e sabem e Adson veio
no veleiro de Porto de Galinha e o mundo dobrado
a escutá-lo e Sébastien fala francês e a eles
fala em qualquer língua

— porque entre pulso e olho latejam os ferros da vontade! —

e Emília e Eulália as escolhidas do Capitão®
que de riso e grácil sabem e Arivaldo em dobro e
Chiquinho aliás Dr. Francisco eles do Capitão®
em dobro sabem

— porque entre pulso e olho latejam os ferros da vontade! —

e o filósofo Georgecohama tem nome vasto
e vasto saber e os brancos perguntam ao Major
como fazer melhor em ciência e coração Farias
Major Cosme de Farias sabe dobrado
e Abdias do Nascimento é Senador e
Dorival fez Acalanto e Gonzaga disse
que o “assum-preto canta mió”

— porque entre pulso e olho latejam os ferros da vontade! —

e a negra Barrósa desafiou e ganhou
dum magote de “cantadô” tudo branco
e Jehová de Carvalho é poeta e Benedita é gente.

— porque entre pulso e olho latejam os ferros da vontade! —

Traze, Capitão,
alguns moleques que não sejam
zombeteiros nem vadios,
que as igrejas da minha devoção já mandei

levantar e quero,
promessa da mulher-lá-em-casa, mandar
educar uns moleques de missa.

E batizei os negrinhos,
e os meti no Evangelho,
um é Sadoc; e a minha quota de rezas
já está preenchida,
o Céu garantido,
para ti também, Capitão;
o outro é Lucas,
bispo e cardeal,

— porque entre pulso e olho latejam os ferros da vontade! —

talvez venha a ser
o papa,
o papa do Século Cem,
de Ésquilo.

E se um dia,
um único banco para sentar,
espera mais um pouquinho,
porque o banco, com certeza,
está reservado
a uma dama mui nobre e mui distinta,
a Senhora Rosa Parks, Montgomery, Alabama,
desde o dia 1º/12/1955
até o Século Cem,
de Ésquilo.

Se tua pressa, porém,
for muito grande,
nem aceitas sentar só um pouquinho,
queres porque queres ir
na frente,
pergunta se podes;
o posto de ir à frente, afinal,
se reservou
a Maximilian Kolbe, numa noite,
julho de 1941, Auschwitz-Birkenau,
ele pisou silenciosamente para frente,

Nono Movimento

— O Menino —

14 de março de 1997,
primeiro minuto do dia, eu teria mandado
todos os veleiros abalarem os sinos,
todas as capelas desta vila
rezarem missa, Lucas e Sadoc e um discurso
empolgado,
todos os carros de guerra rasgariam as ruas
da praia;

...

e os berrantes, daquela hora em diante
até o amanhecer do dia
e por todo o dia;

teria mandado armar
um pelourinho e um negro
catimbozeiro de todos os sons,
escolha de Salomão®, Carlito,
e outro negro, Gualberto
[também do Capitão®],
e as escolhidas do Capitão®
[só as mulheres de chã!,
riso mui alvo e mui distinto],
elas, no passo da graça;
e todos os negros e todas as negras,
e todos os brancos e todos os amarelos
e todos os-de-cor, e os-de-cor-qualquer,
uma pantomina, um teatro,
um negro amarrado, com a bunda de fora,
e outro negro no açoite,
e o Coronel negreiro Antônio,
e o bispo negro, e o archanjo negro,
e o filósofo George, negro;
e o Navio desceria do morro,
apenas no faz-de-conta, que de lá
ele não desce!

E a festa teria sido
uma cantoria de violas,

violas do Ceará,
donde desinventamos os negros,
porque a partir de Acarape, foi lá, um baiano,
Sátiro,
da raça dos deuses, libertou —
libertou primeiro!

1884!
4 anos antes!
25 de março!

A partir de Acarape,
o Ceará,
o Ceará primeiro!

E o mote seria o Século Cem,
de Ésquilo
e Conselheiro.

Por isto, Capitão Salomão, mandei-te chamar
para os festejos,
mas os festejos foram um livro,
restrito, e um teatro pago, aliás apaniguado
no convite, e um discurso de gatos
pingados,
porque os daqui não sabem
do Menino.

Deve ter sido culpa tua, Capitão,
com a venda desastrada
de Cruz e Souza, o tossidor;
de Antônio Francisco, o aleijado;
e da moleza de não teres atacado
os piratas do Norte e retomado
Cassius,
Cassius Marcellus Clay,
o negro trêmulo que acendeu
a tocha, olímpicamente acesa
aos Jogos do Século Cem,
de Ésquilo.

Teria eu mandado vir outro negro, Derek,
Derek Walcot, e Luther,
guerreiro pacifista, King;
e teria mandado vir também os Quatro,
porque tudo o que se diz hoje
se diz em nome dos Quatro,
os Rapazes de Liverpool,
e de Cassius Marcellus Clay,
que me deixaste escapar,
porque tudo o que se faz
é de ordem deles,
Cassius Marcellus Clay
e dos rapazes de Liverpool,
porque os negros daqui,
os brancos daqui
nada sabem
do Menino.

Muito menos do Santo sabem,
Antônio — bravia terra lusa de Antônios,
porque lusos somos, África somos:

e Antônio, dito Padre,
e Antônio, o de um só prenome,
e Antônio, dito Manuel,
e Antônio, dito Frederico,
e Antônio, dito Lisboa,
e Antônio, dito Fernando,
e Antônio, dito Luís,
e Antônio, dito Judeu,
e Antônio, dito Vicente —
Maciel-Ceará-Francisco,
e o Santo Profeta Conselheiro,
padeceu sob Pôncio Bahia Pilatos
o massacre baiano, Euclides,
porque o Santo disse:

“... sertão vai virar mar!!”

E virou!

Nilson, da Nordesa,
contador e negro disse:

“— Aí os morros, Coronel,
e nós dentro;
o Conselheiro é Propheta!”

E
da
amurada
os veleiros pendem...

Porque não pende Antônio!

Porque por ti, Antônio,
tombaram, um a um, sob o ódio do teu pulso!
Porque tombou Antônio, porém Júnior,
porque tombou Magalhães, era Borges,
porque tombou Luís, dito Filho,
porque tombou João, dito Carneiro,
porque tombou Francisco, dito Waldir,
porque Augusto, dito Moraes, tombado foi;
porque tombaram todos,
por ti, Coronel desta raça de Antônio —
sob o teu pulso vasto todos tombados —
uma raça de deuses e de demônios.

Porque deuses e demônios,
isto é a mesma coisa!
E os que vão tombar te saúdam!

Porque esta é a Canção do Mundo!

Décimo Movimento

— A Noite Alvaça —

O céu desmoronou-se em tempestades
de estrupício, e o Norte mandava furacões
que destelhavam as casas, derrubavam
as paredes e arrancavam pela raiz
os últimos talos das plantações.

Gabriel (Antônio?),
in Cem Anos de Solidão.

Capitão Salomão,
me tingiste a pele, desgraçado,
me sujaste o sangue,
meus cabelos carrapicham!

Decifra, negro,
me decifra o enigma!

Coronel, culpa sua, Coronel,
o senhor me contratou na missão de escolha,
as escolhidas-do-Capitão®,
que o meu *padrim* as vendia
as comia primeiro.

Porque os faunos do Capitão,
os escolhidos-do-Capitão®,
negros jovens de dentes largos,
também comiam as filhas
do Coronel.

E deste embaralho se ergue, Coronel,
um novo metro, como se ergueram
as águas no estrupício das águas!

Pois agora mande, Coronel,
chamar seus cantadores,
violeiros e zabumbeiros,
chame também o Santo,
o Santo Conselheiro,
porque o cometa Hale-Bopp está de volta...
80 séculos.

A Aurora jamais será branca, Coronel,
nem preta.

Veja nos céus, Coronel,
boa-noite!

Um abraço aos de sua casa,
casa minha, Coronel,
um abraço à minha madrinha.

Porque a Aurora do Século Cem,
de Ésquilo,
é a noite alvaçã.

O Menino
outra vez!

Salvador, Bahia, Brasil, noite muito alta, 5.4.1997